

COMPORTAMENTO DE PACIENTES EM BUSCAS POR INFORMAÇÃO DE SAÚDE ONLINE E CORRELAÇÕES COM IDADE, ESCOLARIDADE, RENDA E INTERAÇÃO MÉDICA

BEHAVIOR OF PATIENTS IN SEARCH FOR HEALTH INFORMATION ONLINE AND CORRELATIONS WITH AGE, EDUCATION, INCOME AND MEDICAL INTERACTION

EL COMPORTAMIENTO DE LOS PACIENTES EN BÚSQUEDA DE INFORMACIÓN DE SALUD EN LÍNEA Y CORRELACIONES CON LA EDAD, LA EDUCACIÓN, LOS INGRESOS Y LA INTERACCIÓN MÉDICA

Felipe Azevedo Moretti¹, Valter Silva², Claudia Galindo Barsottini³

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação de Gestão e Informática em Saúde da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) - Brasil

² Professor Doutor do Centro Universitário Tiradentes, Maceió - Brasil

³ Professora Doutora do Departamento de Informática em Saúde da UNIFESP

Resumo: **Objetivo:** Analisar como o usuário leigo se relaciona com a internet para saúde, com foco no momento pré e pós consulta médica. **Método:** Estudo transversal analítico envolvendo 1828 indivíduos que responderam a um inquérito eletrônico disponibilizado em um portal de grande acesso. **Resultados:** Aproximadamente 90% dos respondentes eram do sexo feminino e buscavam informações para própria saúde ou de familiares, 80% considera a internet uma de suas principais fontes de informação em saúde, 76% atribui alta confiança a informações de especialistas, mas tende a desconfiar de buscadores simples como Google. Escolaridade, idade e renda interferiram na relação entre paciente-médico e internet para tomada de decisão em saúde ($p < 0,004$). **Conclusão:** A internet é uma relevante fonte de informação em saúde para população e as variáveis estudadas têm interferência significativa na relação entre paciente, seus médicos e a internet.

Palavras-chave: internet, saúde pública, informática médica.

Abstract: **Objective:** To analyze how the lay user relates to the internet for health, focusing on the pre and post doctor appointment, and describing the correlations with age, gender, schooling, and income. **Methods:** A cross-sectional study involving 1828 individuals who responded to an online questionnaire available in a large access portal. **Results:** Approximately 90% of respondents were female and were seeking information for their own health or family, 80% consider the Internet one of its main sources of health information, 76% attaches high confidence information from experts, but were bound to mistrust search engines like Google. Education, age and income interfered with the relationship between patient-physician and internet for health decision-making ($p < 0.004$). **Conclusion:** The Internet is an important source of health information for the population and the variables have significant interference in the relationship between patients, their doctors and the internet.

Keywords: internet, public health, medical informatics

Resumen: **Objetivo:** Analizar la forma en que el usuario lego se refiere a la Internet para la salud, centrándose en pre y

post tiempo de consulta médica y de dibujo correlaciones con la edad, el género, la educación y los ingresos. Métodos: Estudio transversal que incluyó a 1828 personas que respondieron a un cuestionario en línea disponible en el portal de acceso grande. Resultados: Aproximadamente el 90% de los encuestados eran mujeres y estaban buscando información para su propia salud o la familia, el 80% consideran que Internet es una de sus principales fuentes de información de salud, el 76% se conecta información de alta confianza por parte de los expertos, pero tiende a desconfiar Los motores de búsqueda como Google simples. La educación, la edad y los ingresos interfirieron con la relación entre el paciente y el médico e internet para la salud la toma de decisiones ($p < 0,004$). Conclusión: La Internet es una fuente importante de información sobre la salud de la población y las variables tienen una interferencia significativa en la relación entre los pacientes, sus médicos y el Internet.

Descriptor: internet, salud pública, informática médica

Introdução

A internet é uma ferramenta cada vez mais utilizada em aspectos relacionados à saúde. A cada ano a população mundial apresenta mais acesso a microcomputadores, a programas de banda larga e a dispositivos móveis capazes de acessar a internet. Estes fatores têm estimulado o aumento diário do uso da internet para questões relacionadas à saúde ⁽¹⁾. Entre os usos mais frequentes da internet para saúde, destacam-se as buscas online no Google para esclarecimento de dúvidas sobre diagnóstico e tratamento de doenças. Além de buscas para orientações gerais de prevenção ou acompanhamento de condições clínicas, aquisição de produtos médicos e até para a interação com profissionais ou entre enfermos ⁽²⁾.

Há uma mudança positiva e forte no comportamento do paciente ao ter maior acesso às informações e aos conhecimentos específicos de saúde oferecidos pelos avanços das tecnologias da informação e pela ampliação ou acessibilidade à internet ⁽³⁾. Isso pode possibilitar tomada de decisões mais criteriosas por parte dos usuários, além de gerar maior autonomia e liberdade de escolha.

Na relação entre a internet, os profissionais de saúde e os pacientes, Rice & Katz ⁽⁴⁾ citam um estudo em que 800 americanos (número calculado de forma a representar a população dos EUA) foram entrevistados por telefone, constatando-se que 41% da amostra já haviam buscado informações médicas pela internet. Masters ⁽⁵⁾, por exemplo, sugere que até 2001 aproximadamente 52 milhões de americanos já haviam consultado a internet em busca de informações médicas. No Brasil, estima-se que mais de 10 milhões de usuários acessem sites sobre saúde regularmente ⁽⁶⁾. Boa parte (73%) dos americanos citados no estudo de Rice & Katz ⁽⁴⁾ afirmaram ter discutido as informações encontradas na internet com outras pessoas e/ou com seus médicos. Essas buscas por informações de saúde na internet se mostraram maiores entre as mulheres, os indivíduos caucasianos e entre aqueles com mais habilidades em navegar na web ⁽⁷⁾. Os estudos mencionados sugerem também que os indivíduos que acessam informações sobre saúde geralmente o fazem várias vezes.

Dart ⁽⁸⁾ analisou a variável socioeconômica e sua relação com o uso da internet entre 758 indivíduos australianos com aspectos sócio demográficos (comunidade de baixa renda, renda média e universitários). A internet se mostrou um recurso muito mais importante enquanto fonte de informação em saúde para a amostra de universitários. Os respondentes de baixa renda também demonstraram acessar menos a internet em busca de informação médica em comparação aos de renda média e universitários. Dart ⁽⁸⁾ e Master ⁽⁵⁾ relatam, no entanto, que a maior parte dos seus participantes não debatem as informações pesquisadas online com os seus médicos. Dart ⁽⁸⁾ cita ainda que a variável idade não apresentou interferência significativa em uma maior ou menor busca por informações de saúde. Além disso, alega que a maior parte dos indivíduos, independente do aspecto sócio demográfico, não costumam confiar na internet.

Nesse sentido, os objetivos da presente pesquisa foram: (1) analisar o panorama do uso da internet para saúde por usuários leigos; (2) averiguar a proporção de usuários que discutem com médicos as

informações da internet ou que após passarem em consulta buscam informações **complementares**. Proporções estas ajustadas por idade, escolaridade, renda e gênero.

Métodos

O desenho do estudo caracterizou-se como transversal analítico-descritivo. A coleta e interpretação bruta dos dados foi conduzida entre novembro de 2011 e final de 2013, em conformidade com a Resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde e com a Declaração de Helsinki. A análise estatística e as correlações entre variáveis deste escopo do artigo foram feitas entre dezembro de 2014 e início de 2015. A assinatura do instrumento que dá o consentimento livre e esclarecido foi preenchida on-line pelos participantes, após aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de São Paulo (protocolo número 0434/10).

Foram considerados elegíveis para o estudo os internautas que se cadastraram para receber os boletins informativos do maior portal de saúde e bem-estar do Brasil e que no período corresponde à coleta de dados respondessem ao inquérito eletrônico disponibilizado para entender os comportamentos de buscas online por pacientes. O portal denominado Minha Vida (www.minhavidacom.br/) foi escolhido por estar em conformidade com os princípios éticos da *Health On the Net Foundation* (código da certificação: HONConduct276487), por possuir mais de 6 milhões de visualizações únicas ao mês e por estimativas de que oito dentre dez internautas brasileiros acessam tal portal, de acordo com dados internos do Minha Vida. O público predominante deste portal são usuários leigos.

O inquérito eletrônico visou abordar temas como: comportamentos à procura de informações de saúde na internet, razões e formas de pesquisa on-line, grau de confiança na informação pesquisada, quantidade de horas gastas na internet, interação com a web antes e depois da consulta médica e perfil sócio econômico dos respondentes. Os principais desfechos analisados neste estudo foram ajustados por idade, sexo, escolaridade e renda. O inquérito foi construído a partir de formulário eletrônico do Google.

Foram incluídos 1828 indivíduos que responderam ao inquérito. Em algumas análises estatísticas foram excluídos indivíduos por erros no banco de dados ($n = 17$).

As informações foram agrupadas em um banco de dados e analisadas por meio de frequência absoluta (n) e relativa (%), acompanhadas por um intervalo de confiança de 95% (IC 95%). O teste qui-quadrado (χ^2), acompanhado pela correção de continuidade Yates, quando adequado, foi usado para comparar as frequências, considerando um nível de significância de $p \leq 0,05$.

Resultados

Dos 1828 respondentes, 90% era do sexo feminino e buscava informações para própria saúde ou de familiares. Além disso, 80% apontou a internet como uma das suas principais fontes de informação em saúde. Contudo, ao dar a possibilidade de mais de uma resposta [para quais eram as principais fontes de informação em saúde], a internet aparece em primeiro lugar com 86% de internautas apontando tal fonte, seguido pela opinião de médicos ou especialistas (74%), informações da televisão ou rádio (50%), livros de saúde (39%), e por último: artigos científicos e revistas ou jornais não especializados (Figura 1).

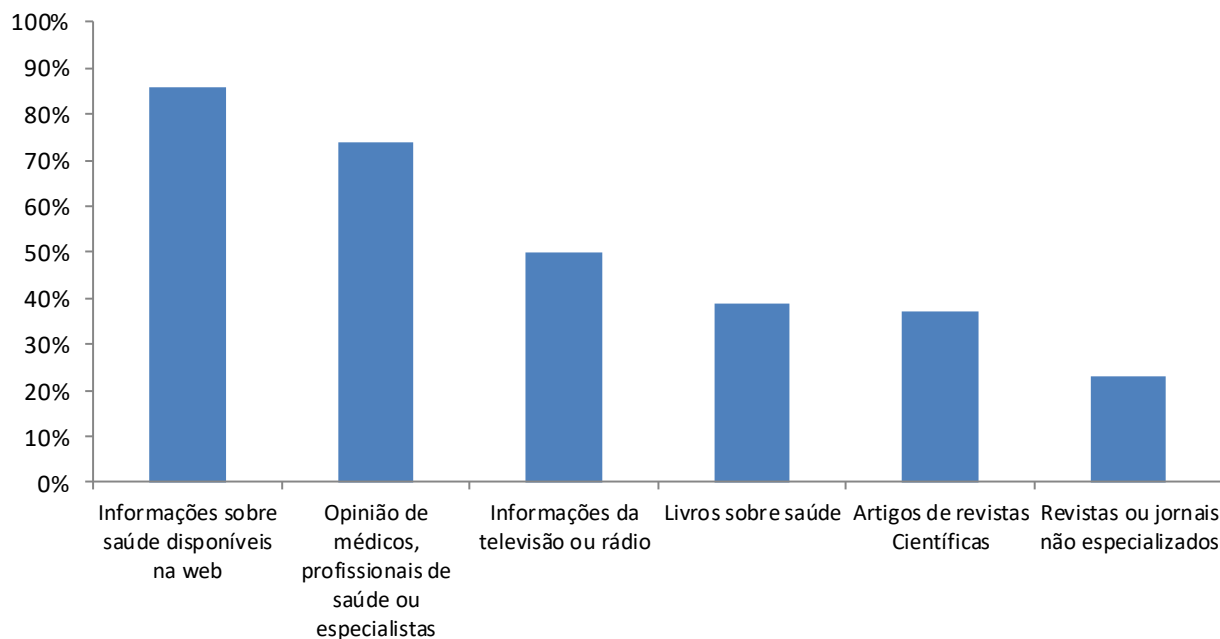


Gráfico 1: Ranking das 6 principais fontes de informação em saúde de internautas leigos.

De forma complementar ao gráfico 1, a Tabela 1 apresenta a confiança atribuída pelos internautas a diferentes fontes de informação. Deve ser destacado que a opinião de médicos, profissionais de saúde ou especialistas possuem as maiores proporções de alta confiança. Entre as fontes de informações com baixa ou muito baixa confiança, as maiores proporções foram observadas para revistas ou jornais impressos de grande circulação e sites gerados por buscadores eletrônicos. Dentre as informações advindas da internet houve uma proporção considerável de internautas que atribuíram alta confiança em informações advindas de sites de sociedades médicas ou outros sites especializados, portais de saúde online de grande acesso e bibliotecas virtuais especializadas ou sites relacionados a universidades.

Tabela 1. Nível de confiança atribuída pelos internautas a diferentes fontes de informações.

Fonte de Informação	Alta	Baixa	Muito baixa
Opinião de médicos, profissionais de saúde ou especialistas.	76%	1%	0%
Livros de saúde.	55%	3%	1%
Artigos de revistas científicas.	52%	3%	2%
Sites de sociedades médicas ou outros sites especializados.	51%	5%	1%
Portais de saúde online de grande acesso.	47%	3%	1%
Bibliotecas virtuais especializadas ou sites relacionados a universidades.	45%	4%	2%
Jornais e revistas on-line de grande circulação.	20%	14%	3%
Televisão ou rádio.	18%	19%	5%
Revistas ou jornais impressos de grande circulação.	16%	22%	7%
Sites gerados por buscadores eletrônicos como Google, Yahoo, Bing.	12%	23%	7%
Blogs de saúde.	10%	21%	5%

Dentre alguns comportamentos marcantes da amostra estudada destacam-se aqui as iniciativas de, após uma pesquisa de saúde online, ir falar com amigos ou familiares sobre as informações adquiridas (70% afirma fazer), tentar mudar o estilo de vida (65%) e falar com o médico (48%). Outras atitudes marcantes são apresentadas na Figura 2.

Entre os internautas do sexo feminino e masculino não foi observado diferença para o uso da internet como uma das principais fontes de informação. Entre as mulheres, 80% afirmaram que usam a internet como uma das principais fontes de informação, sendo apenas 1% maior que a estimativa para os homens (Tabela 2). Além disso, a maior parte das pessoas que usam a internet como uma de suas principais fontes de informação para a saúde tem entre 21 e 50 anos, com escolaridade entre ensino superior completo ou incompleto e com renda familiar entre um e seis salários mínimos.

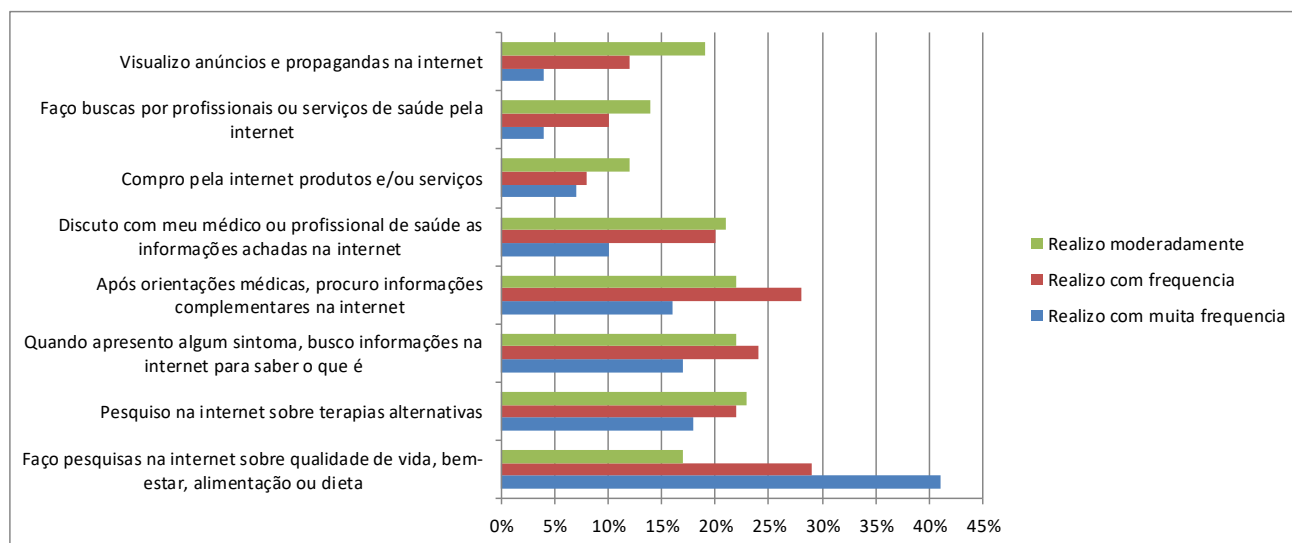


Figura 2: Atitudes e comportamentos frequentes relacionados à saúde realizados pelos internautas.

A proporção de pessoas que não discutem, discutem moderadamente ou discutem frequentemente com o médico as informações da internet é apresentada na Tabela 3. Tal proporção de discussão é maior na faixa etária entre 21 e 50 anos. Na população estudada, os sujeitos com escolaridade entre ensino superior completo ou incompleto e com renda familiar entre um e seis salários mínimos apresentam as maiores proporções para o desfecho de discutir com o médico as informações pesquisadas. Há também uma maior proporção de internautas que discutem moderadamente com o médico as informações sobre a saúde, seguido por aqueles que discutem com frequência e por aqueles que não discutem. Ou seja, não discutir as informações pesquisadas tende a ser um comportamento menos frequente.

De forma inversa ao desfecho da Tabela 3, a Tabela 4 apresenta os resultados para aqueles internautas que após uma consulta médica buscam informações adicionais na internet. A distribuição das proporções é maior na idade entre 21 e 50 anos, entre os internautas com ensino superior completo ou não e com renda familiar entre um e seis salários. Da mesma forma que no parágrafo anterior, há maiores proporções para os indivíduos que fazem isso moderadamente, seguidos por quem faz com frequência e por último, por quem não faz.

Tabela 2: Uso da internet para saúde como uma das principais fontes de informação, separadas por categoria (sim e não) e de acordo com variáveis como: idade, escolaridade, renda e gênero.

	Sim % (IC 95%)	Não % (IC 95%)
SEXO ($\chi^2_{gl=4} = 0.08$; $p = 0.77$)		
Feminino	71.0 (68.8 - 73.0)	18.1 (16.4 - 20.0)
Masculino	8.6 (7.4 - 10.0)	2.3 (1.7 - 3.1)
IDADE (anos) ($\chi^2_{gl=4} = 12.85$; $p = 0.01$)		
Abaixo de 20	8.1 (6.9 - 9.4)	0.9 (0.6 - 1.5)
21 – 35	29.9 (27.9 - 32.1)	7.3 (6.2 - 8.6)
36 – 50	27.1 (25.1 - 29.2)	8.1 (7.0 - 9.5)
51 – 65	13.5 (12.0 - 15.2)	3.6 (2.9 - 4.6)
Acima de 65	0.9 (0.6 - 1.5)	0.4 (0.2 - 0.8)
ESCOLARIDADE ($\chi^2_{gl=3} = 13.45$; $p = 0.004$)		
Até Ensino Médio Incompleto	2.4 (1.8 - 3.2)	0.7 (0.4 - 1.2)
Ensino Médio Completo	25.2 (23.2 - 27.2)	5.7 (4.8 - 6.9)
Ensino Superior Completo ou Incompleto	36.6 (34.4 - 38.9)	8.3 (7.1 - 9.6)
Pós-Graduação Completa ou Incompleta	15.4 (13.8 - 17.1)	5.7 (4.7 - 6.9)
RENDA FAMILIAR* ($\chi^2_{gl=6} = 15.64$; $p < 0.02$)		
Até 1 salário	3.3 (2.5 - 4.2)	1.1 (0.7 - 1.7)
1 a 3 salários	23.0 (21.1 - 25.0)	5.1 (4.2 - 6.2)
3 a 6 salários	24.6 (22.7 - 26.7)	6.4 (5.3 - 7.6)
6 a 10 salários	15.9 (14.2 - 17.6)	3.9 (3.1 - 4.9)
10 a R\$ 20 salários	9.7 (8.4 - 11.1)	2.3 (1.7 - 3.1)
20 a R\$ 30 salários	2.3 (1.7 - 3.1)	1.1 (0.7 - 1.6)
30salários ou mais	0.9 (0.6 - 1.5)	0.7 (0.4 - 1.2)

* Categorizado de acordo com o salário mínimo em 2010 (R\$ 510,00).

Tabela 3: Proporção de pessoas que discutem com o médico as informações da internet, ajustadas por idade, escolaridade e renda familiar.

	ND	DM	DF
	% (IC 95%) n/N	% (IC 95%) n/N	% (IC 95%) n/N
SEXO ($\chi^2_{gl=2} = 4.26$; $p = 0.12$)			
Feminino	26.0 (23.9, 28.2) 419/1613	43.7 (41.3, 46.1) 705/1613	30.3 (28.1, 32.6) 489/1613
Masculino	30.8 (24.8, 37.6) 61/198	45.6 (38.7, 52.4) 90/198	23.7 (18.4, 30.1) 47/198
IDADE (anos) ($\chi^2_{gl=8} = 27.88$; $p = 0.0005$)			
Abaixo de 20	36.2 (29.2, 43.8) 59/163	43.6 (36.2, 51.2) 71/163	23.5 (14.8, 27.1) 33/163
21 – 35	28.9 (25.6, 32.4) 195/675	45.0 (41.3, 48.8) 304/675	26.1 (22.9, 29.5) 176/675
36 – 50	24.8 (21.6, 28.3) 158/638	43.1 (39.3, 47.0) 275/638	32.1 (28.6, 35.6) 205/638
51 – 65	20.3 (16.2, 25.1) 63/311	43.7 (38.3, 49.3) 136/311	36.0 (30.9, 41.5) 112/311
Acima de 65	20.8 (9.3, 40.5) 5/24	37.5 (21.2, 57.3) 9/24	41.7 (24.5, 61.2) 10/24
ESCOLARIDADE ($\chi^2_{gl=6} = 44.65$; $p < 0.0001$)			
Até Ensino Médio Incompleto	33.1 (25.7, 41.5) 44/133	42.6 (34.8, 51.4) 57/133	24.1 (17.6, 32.0) 32/133
Ensino Médio Completo	34.6 (30.5, 38.9) 167/483	44.1 (39.7, 48.6) 213/483	21.3 (17.9, 25.2) 103/483
Ensino Superior Completo ou Incompleto	24.4 (21.5, 27.4) 198/813	43.1 (39.7, 46.5) 350/813	32.6 (29.5, 35.9) 265/813
Pós-Graduação Completa ou Incompleta	18.6 (15.0, 22.8) 71/382	45.8 (40.9, 50.8) 175/382	35.6 (31.0, 40.5) 136/382
RENDA FAMILIAR* ($\chi^2_{gl=12} = 63.73$; $p < 0.0001$)			
Até 1 salário	45.6 (35.1, 56.5) 36/79	32.9 (23.6, 43.9) 26/79	21.5 (13.9, 31.8) 17/79
1 a 3 salários	34.7 (30.6, 38.8) 176/508	39.0 (34.8, 43.3) 198/508	26.4 (22.7, 30.3) 134/508
3 a 6 salários	24.6 (21.2, 28.3) 138/561	48.3 (44.2, 52.4) 271/561	27.1 (23.6, 30.9) 152/561
6 a 10 salários	21.6 (17.6, 26.1) 77/357	43.7 (38.7, 48.9) 156/357	34.7 (30.0, 39.8) 124/357
10 a R\$ 20 salários	16.1 (11.8, 21.6) 35/217	46.1 (39.6, 52.7) 100/217	37.8 (31.6, 44.4) 82/217
20 a R\$ 30 salários	13.3 (6.9, 24.2) 8/60	51.7 (39.3, 63.8) 31/60	35.0 (24.2, 47.6) 21/60
30 salários ou mais	34.5 (19.9, 52.7) 10/29	44.8 (28.4, 62.5) 13/29	20.7 (9.9, 38.4) 6/29

* Categorizado de acordo com o salário mínimo em 2010 (R\$ 510,00)

ND – não discute; DM – discute moderadamente; DF – discute frequentemente.

Tabela 4: Proporção de pessoas que após discutirem com o médico buscam informações complementares na internet, ajustadas por idade, escolaridade e renda familiar.

	NB % (IC 95%)	BM % (IC 95%)	BF % (IC 95%)
IDADE (anos) ($\chi^2_{gl=8} = 15.86$; $p = 0.05$)			
Abaixo de 20	1.3 (0.8 - 1.9)	3.6 (2.8 - 4.5)	3.8 (3.0 - 4.8)
21 – 35	3.3 (2.6 - 4.2)	18.0 (15.2 - 19.8)	16.0 (14.8 - 17.8)
36 – 50	3.2 (2.5 - 4.1)	16.1 (14.4 - 17.8)	16.0 (14.3 - 17.7)
51 – 65	2.0 (1.4 - 2.7)	8.0 (6.8 - 9.3)	7.2 (6.1 - 8.5)
Acima de 65	0.2 (0.1 - 0.5)	0.7 (0.4 - 1.1)	0.4 (0.2 - 0.8)
ESCOLARIDADE ($\chi^2_{gl=6} = 19.42$; $p < 0.004$)			
Até Ensino Médio Incompleto	1.3 (0.9 - 1.9)	3.4 (2.7 - 4.3)	2.6 (1.9 - 3.4)
Ensino Médio Completo	3.3 (2.6 - 4.2)	12.8 (11.3 - 14.4)	10.6 (9.3 - 12.1)
Ensino Superior Completo ou Incompleto	4.0 (3.2 - 5.0)	20.0 (18.3 - 21.9)	20.9 (19.1 - 22.8)
Pós-Graduação Completa ou Incompleta	1.7 (1.2 - 2.4)	10.0 (8.7 - 11.4)	9.4 (8.1 - 10.8)
RENDA FAMILIAR* ($\chi^2_{gl=12} = 35.39$; $p < 0.0004$)			
Até 1 salário	0.6 (0.3 - 1.1)	2.2 (1.6 - 3.0)	1.6 (1.1 - 2.2)
1 a 3 salários	3.8 (3.0 - 4.7)	13.7 (12.2 - 15.3)	10.6 (9.3 - 12.1)
3 a 6 salários	2.4 (1.8 - 3.2)	15.3 (13.7 - 17.0)	13.3 (11.8 - 14.9)
6 a 10 salários	1.9 (1.3 - 2.6)	8.1 (6.9 - 9.4)	9.8 (8.5 - 11.2)
10 a R\$ 20 salários	1.3 (0.8 - 1.9)	4.4 (3.5 - 5.4)	6.4 (5.3 - 7.6)
20 a R\$ 30 salários	0.3 (0.1 - 0.6)	1.6 (1.1 - 2.2)	1.5 (1.0 - 2.1)
30salários ou mais	0.1 (0.0 - 0.4)	1.1 (0.7 - 1.6)	0.4 (0.2 - 0.8)

* Categorizado de acordo com o salário mínimo em 2010 (R\$ 510,00)

NB – não buscam; BM – buscam moderadamente; BF – buscam frequentemente.

Discussão

A resposta afirmativa de 80 a 86% dos entrevistados quando questionados sobre a internet ser uma de suas principais fontes de informação em saúde (Figura 1), denota a magnitude que tal canal de comunicação vem ganhando nos últimos tempos em termos de buscas para saúde. Tal fenômeno já foi descrito em vários artigos como “Dr. Google”⁽⁸⁻¹⁰⁾. Isso mostra que da mesma forma que a população acessa o Google para localizar um endereço, uma loja ou um telefone, ela adentra esses buscadores para pesquisar os mais variados temas de saúde, que vão desde tratamento a prevenção, auto diagnóstico e terapias alternativas⁽⁸⁾.

No entanto, um dado curioso observado nos resultados de nosso estudo é que apesar da população investigada utilizar com alta frequência os buscadores como o Google (resposta dada por 72% da amostra), só 12% dos indivíduos alegam ter alta confiança em tal buscador. Ou seja, apesar de utilizarem muito, desconfiam da qualidade das informações geradas pela ferramenta. Os motivos relacionados a essa constatação podem estar combinados entre alguns fatores, como: praticidade/habitualidade em utilizar o Google no dia a dia para pesquisas corriqueiras, excessiva publicidade agregada e conteúdos misturados com produtos ou propagandas quando é realizada uma busca.

Sobre a análise do grau de confiança nas diferentes fontes, a tradição parece continuar soberana, sendo que a opinião dos médicos, dos profissionais de saúde e de especialistas aparece em primeiro lugar como fonte mais confiável atribuída pelo público por nós investigado (76% da amostragem total atribuiu alta confiança a essa fonte). Em segundo lugar foram apontados os livros (com 55% da amostra atribuindo alta confiança). Nesse ranking de nossa pesquisa, o Google aparece em penúltimo lugar, quase empatado com a confiança atribuída aos blogs de saúde e aos canais de comunicação de grande acesso.

Dart, Gallois e Yellowlees ⁽¹¹⁾ também citam a grande importância dada pelos usuários da internet à opinião dos médicos ou especialistas. Nas três comunidades estudadas pelos autores (de baixo poder aquisitivo, classe média e universitários) a recomendação do médico foi considerada a principal fonte de informação em saúde.

Os dados do presente estudo reforçam as constatações de outros autores sobre o elevado uso da internet para fins de saúde. Um número crescente de médicos tem relatado a enorme quantidade de pacientes que costuma debater informações que acessam na internet. Na revisão sistemática de Masters ⁽⁵⁾, o autor cita que 89% dos médicos relataram tal episódio – do total de 9 estudos que avaliaram a relação entre os médicos, os pacientes e a internet. Esse fenômeno do enorme uso da internet para fins de saúde pode trazer problemas. Certos autores já deram o termo de ‘cybercondria’ ⁽¹²⁾ para o uso excessivo desse veículo por pacientes que acabam por manifestar uma preocupação em demasia, levando todo tipo de informação pesquisada online para debater com o seu médico, provocando situações que vão desde a perda da autoridade até questionamento de condutas terapêuticas.

Outros dois fenômenos perigosos associados a esse cenário são a falta de qualidade das informações de saúde veiculadas na internet e a falta de habilidade dos usuários em decodificar uma informação de credibilidade. Aspden e Katz ⁽¹³⁾ salientam que boa parte dos usuários acredita no valor da informação da internet, considerando-a como “altamente valiosa” para a saúde. Mas alertam que não são muitos os que dizem já ter lido informação irresponsável ou muito comercial sobre saúde na internet. Isso pode ser preocupante visto que muitas informações da rede são de má qualidade, equivocadas ou com grande conflito de interesse. Em um estudo prévio, alguns autores dessa presente pesquisa já citaram que isso pode ser inclusive uma questão de saúde pública ⁽¹⁴⁾.

Sobre as variáveis como escolaridade, renda, idade e comportamento das buscas online seguem abaixo alguns estudos que apresentam dados em sua maioria compatíveis com a nossa pesquisa.

Schwartz et al. ⁽¹⁵⁾ avaliaram o uso da internet para saúde em uma amostra composta de 1289 indivíduos de Detroit. Idade, sexo, raça e escolaridade foram variáveis que tiveram significativa correlação com acessibilidade a internet. Dos indivíduos que tinham acesso à internet, 74% haviam pesquisado informações de saúde para eles próprios ou para familiares. Esses dados reforçam o fato de 79 a 90% de nossa amostra buscar informações para própria saúde ou de familiares.

Já sobre a escolaridade e renda, Dart ⁽¹¹⁾, por exemplo, ao analisar a variável socioeconômica e sua relação com o uso da internet entre 758 indivíduos australianos com características diferentes (de baixa renda, média renda e universitários), salienta que a internet se mostrou um recurso muito mais importante para a amostra de universitários. Os respondentes de baixa renda também demonstraram acessar menos a internet em busca de informação médica em comparação aos de média renda e universitários. Porém, o mesmo autor aponta sobre a falta de dados e de estudos capazes de correlacionar variáveis socioeconômicas com o uso da internet para saúde.

Algumas considerações de nosso estudo que podem ser destacadas a respeito das variáveis analisadas: idade, escolaridade, gênero e renda seguem abaixo em forma de tópicos. Essa análise é pertinente principalmente aos dados da Tabela 1 deste artigo.

- Em relação a indivíduos mais velhos, pessoas mais novas tendem a considerar com maior frequência a internet como uma de suas principais fontes de informação de saúde.
- Um pequeno acréscimo de renda para as classes menos favorecidas e o ganho de alguns anos escolares no começo da formação escolar parece contribuir para que indivíduos considerem mais a internet como uma de suas principais fontes de informação em saúde. Essa contribuição diminui conforme a renda e a escolaridade vão aumentando substancialmente.
- Não houve diferença significativa na forma em que os homens e as mulheres consideram a internet como fonte de informação em saúde; porém, o número bem superior de respondentes do gênero femininos nos faz refletir sobre a perspectiva das mulheres utilizarem com mais frequência tal recurso de buscas de informações sobre saúde na web.

Outras considerações em relação às buscas online pré e pós consulta médica, encontramos que há uma diferença nessas atitudes de acordo com a variação da idade, da escolaridade e da renda, porém mais estudos são necessários para entender as particularidades desse fenômeno. Além disso, cumpre destacar que apesar do poder amostral os achados do artigo não devem ser generalizados para a população brasileira, visto que há um viés de recorte metodológico na pesquisa. Pois a amostragem do estudo é proveniente de um portal específico de saúde.

Nesse sentido, enquanto sugestões para futuras pesquisa, consideramos pertinente análises capazes de compreender melhor questões como: Quais as singularidades do uso da internet para saúde da população mais velha em relação aos sujeitos mais novos, ou entre gêneros e diferentes classes econômicas? Quais as preferências, dificuldades e preocupações de cada público? Quais os principais pontos em comum? Nessa linha investigativa, são sugeridos estudos em profundidade, longitudinais ou focados especificamente em modelos comparativos de grupos e subgrupos socioeconômicos.

Conclusão

A partir do presete estudo pode-se concluir que a internet é uma fonte de informação em saúde frequentemente utilizada pela população. Apesar do elevado uso de tal ferramenta, a grande maioria da população estudada atribuiu baixa credibilidade aos resultados das buscas online. As fontes de informação de maior confiança apontadas pelos participantes do estudo foram os especialistas (médicos e profissionais de saúde), os livros e as revistas científicas.

As variáveis estudadas (idade, renda, escolaridade e gênero) podem ter interferência significativa na relação interativa entre pacientes, seus médicos e a internet. No entanto, estudos futuros se fazem necessários para compreender melhor os motivos por trás de cada subgrupo ou acerca de cada variável analisada.

Agradecimentos

Nossos sinceros agradecimentos à Capes e à FAPESP (processo 13/50701-5) por apoios financeiros relacionados à pesquisa. Aproveitamos também para agradecer ao portal Minha Vida pela ajuda em viabilizar o estudo. Agradecemos, também, a Dra. Edina Mariko Koga da Silva e a Dra. Vanessa Elias, por orientações prévias relacionadas a outro escopo deste estudo.

Referências

- [1] Escarrabill J, Marti T, Torrente E. Good Morning Doctor Google. *Rev Port Pneumol*. 2011;17(4):177-181.
- [2] Oermann M. Using health web sites for patient education. *Journal of Wound Ostomy and Continence Nursing*. 2003;30(4):217-23.
- [3] Da Silva WM. Navegar é preciso: avaliação de impactos do uso da Internet na relação médico-paciente. São Paulo: Universidade de São Paulo; 2006.
- [4] Rice RE, Katz JE. The internet and health communication: experiences and expectations. 1st edition. California: Sage Publication; 2001.
- [5] Masters K. For what purpose and reasons do doctors use the internet: a systematic review. *International journal of medical informatics*. 2008;77:4-16.
- [6] Gianotti PSP, Pellegrino HP, Wada E. Globalização e serviços médicos: impulsionando o turismo de saúde. *Turydes* [internet]. 2009 [cited 2012 Jun 28]; 2(4): [about 10 p.]. Available from: <http://www.eumed.net/rev/turydes/04/ggw.htm>
- [7] Soares MC. Internet e saúde: possibilidades e limitações. *Revista Textos de La CiberSociedad* [internet]. 2004 [cited 2012 Jun 28]; 4:[about 6p.]. Available from: <http://www.cibersociedad.net/textos/articulo.php?art=51>
- [8] Kingsley K, Galbraith GM, Herring M, Stowers E, Stewart T, Kingsley KV. Why not just Google it? An assessment of information literacy skills in a biomedical science curriculum. *BMC Med Educ*. 2011;25:11-17.
- [9] Kirschner KL, Brashler R, Crigger BJ, Wynia MK, Halvorsen A. Should health care professionals Google patients or family members? *PM R*. 2011;3(4):372-6.
- [10] Waksman R. Google medicine. *Cardiovasc Revasc Med*. 2012;13(1):1-2.
- [11] Dart J, Gallois C, Yellowlees P. Community health information sources – a survey in three disparate communities. *Aust Health Rev*. 2008;32(1):186-196.
- [12] Dart J. The internet as a source of health information in three disparate communities. *Aust Health Rev*. 2008;32(3):559-569.
- [13] Aspden P, Katz JE. Assessments of quality of health care information and referrals to physicians - a nationwide survey. In: Rice RE, Katz JE. The internet and health communication: experiences and expectations. 1st edition. California: Sage Publication; 2001.99-106.
- [14] Moretti FA, Oliveira VE, Silva EMK. Acesso a informações de saúde na internet: uma questão de saúde pública?. *Rev. Assoc. Med. Bras*. 2012; (58): 650-658.
- [15] Schwartz KL, Roe T, Northrup J, Meza J, Seifeldin R, Neale AV. Family Medicine Patient's use of the internet for health information. *J Am Board Fam*. 2006;19:39-45.

Autor para Contato

Felipe Azevedo Moretti
 Departamento de Informática em Saúde,
 UNIFESP. Rua Botucatu, 862 – Ed. José
 Leal Prado - térreo. CEP: 04023-062 / Vila
 Clementino - São Paulo
 Fone: (11) 5576-4347
felipe.moretti@unifesp.br

